



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 28 | Jan./Jun. de 2023

**Norma Sueli Semião Freitas**

*Universidade Federal do Ceará /UFC*  
sufreitas2005@yahoo.com.br

## LUÍZA TÁVORA: a construção e monumentalização de uma memória no Ceará

---

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo questionar a monumentalização da memória de Luíza Távora, primeira-dama do Ceará, durante as décadas de 1960 e 1980. Em nossos estudos, intentamos perceber como as construções sociais fazem parte das percepções do Brasil que o regime militar se empenhou em projetar. A partir dessa perspectiva, algumas perguntas basilares norteiam a pesquisa que são: com quais recursos Luíza teatraliza sua imagem pública e privada? Como é erigida e evocada a monumentalização de sua memória? Como as reverberações da sua imagem pelos espaços públicos: praças, escolas, rua, se fazem presentes na construção de sua memória? Daí buscamos perceber como Luíza joga com as condições identitárias de mulher, mãe, caridosa, sob o signo cristão, a fim de promover a emersão de uma imagem que, antes de ser cristalizada, é múltipla e se apresenta em camadas, cujas faces visíveis cintilam em torno de epítomes como gênero, política e religião

**Palavras-chave:** Gênero; Política; Memória.

# LUÍZA TÁVORA: the construction and monumentalization of a memory in Ceará

---

## ABSTRACT

The objective of this work is to question the monumentalization of the memory of Luíza Távora, first lady of Ceará, during the decades of the 1960s and 1980s. In our studies, we try to perceive how the social constructions are part of the perceptions of Brazil that the military regime is I began to project. From this perspective, some basic questions guide the research that is: with what resources does Luíza dramatize her public and private image? How is the monumentalization of his memory erected and evoked? How do the reverberations of your image in public spaces: squares, schools, streets, are they present in the construction of your memory? Every day we seek to perceive how Luíza plays with the identity conditions of a woman, mother, affectionate, under the Christian sign, in order to promote the emergence of an image that, before being crystallized, is multiple and appears in layers, whose faces are visible twinkling around epitomes such as gender, politics and religion

**Keywords:** Gender; Policy; Memory.

## Introdução

Este artigo é fruto de nossa pesquisa de doutorado, cujo objetivo é questionar a monumentalização da memória de Luíza Távora, primeira-dama do Ceará, durante as décadas de 1960 e 1980. Em nossos estudos, intentamos perceber como as construções sociais fazem parte das percepções do Brasil que o regime militar se empenhou em projetar. A partir disso, buscamos perceber como Luíza joga com as condições identitárias de mulher, mãe, caridosa, sob o signo cristão, a fim de promover a emersão de uma imagem que, antes de ser cristalizada, é múltipla e se apresenta em camadas, cujas faces visíveis cintilam em torno de epítomes como gênero, política e religião.

Na perspectiva do gênero, sua percepção, por vezes, limitada ao feminino e presa às dimensões do corpo e da vida privada é superada por uma perspectiva que avança sobre os espaços públicos da política, da cultura, da religião. Essa compreensão renovada é tributária das conquistas de reconhecimento e legitimidade que as mulheres alçaram sobre à esfera pública. Por esse caminho, as questões de gênero, sobretudo, os debates acerca das interfaces entre o masculino e o feminino remetem ao viés simbólico, ou seja, ao campo das significações e das mudanças nas relações sociais a ele interligadas, uma vez que gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p.81).

Sob essa ótica, analisando os usos do passado, a monumentalização pode ser compreendida como um processo singular de invenção e fabricação histórica que necessita de “vigilâncias comemorativas” (BRITTO, 2015, p. 212). A partir dessa premissa, a monumentalização precisa ocupar o espaço público e fazer com que o sujeito ou o evento monumentalizado se torne “visível à distância”. Em outras palavras, invenção e monumentalização não são gestos de significação opostos, mas estão longe de serem simétricos. Um monumento visível não quer dizer decifrável. Todo monumento traz em si algo da Esfinge de Tebas. Cabe agirmos como Édipo.

Por esse caminho, um monumento é mais que uma estátua ou um obelisco. O monumento é a ocupação da seara pública: uma rua, uma escola ou uma praça, eivadas de valores e sentidos, muitas vezes conflitantes, que reverberam acordos, disputas e tensões entre os distintos sujeitos que as imputam à sociedade. Tudo isso é considerado monumento porque toca o espaço e elabora (corrobora) uma visão

específica do passado que elege sujeitos e eventos como marcos na trajetória histórica do lugar.

Nosso intento, portanto, é analisarmos as tramas da monumentalização da memória de Luíza Távora a partir de uma cultura histórica produzida, cuja memória é frequentemente evocada por meio de sua imagem, contribuindo para cimentar a força política e às imposições de poder; uma construção mítica que prossegue por meio de um vetor de construto identitário: a monumentalização.

## **2 - Luíza Távora, “mãe dos pobres”: a construção e os usos políticos de uma imagem.**

Luíza Távora foi uma mulher de proeminência no campo das políticas públicas sociais durante os anos de 1963 a 1966, e de 1979 a 1982, períodos nos quais seu esposo, Virgílio de Moraes Fernandes Távora, governou o Ceará. Além de exercer o papel de esposa dedicada ao lar e ao cuidado com os filhos, desenvolveu ações de cunho social que lhe atribuíram destaque como mulher e como primeira-dama, contrariando, em certa medida, o padrão arraigado à nossa sociedade do arquétipo “homem-provedor e mulher rainha do lar” (MALUF; MOTT, 2008).

Ela participou inicialmente como mediadora e, depois, como encarregada dos projetos de assistência social de Virgílio Távora, – influenciando em suas decisões e divulgando sua imagem através das ações sociais que conduzia (ROCHA-COUTINHO, 1994) –, tendo em vista que o Estado passou a possuir o controle do processo em seu governo, enquanto, anteriormente, era a Igreja a principal articuladora das atividades de assistência à pobreza (ALENCAR JÚNIOR, 2006).

As demandas políticas que a nortearam no desenvolvimento de ações de cunho caritativo empreendidas por Luíza Távora criaram o cenário para que ela fosse apelidada de “grande mãe” e “mãe dos pobres”. Enquanto isso, “os meios de comunicação apresentando Virgílio Távora como o salvador” (AZEVEDO, 2002, p.64). Tal construção histórica permanece, conforme podemos perceber na matéria publicizada no jornal *O Povo*<sup>1</sup>, em 11/05/2014, como destaque da coluna política e

---

<sup>1</sup> Esse jornal, um dos mais antigos e de grande circulação no estado do Ceará, foi de fundamental importância na divulgação e cobertura das ações realizadas durante a ditadura civil-militar em terras alencarinhas, contribuindo,

intitulada “Dona Luiza Távora, ‘a irrepitível’: primeira-dama do Ceará duas vezes, ela foi a última ‘grande mãe’ da política cearense”. No decorrer da matéria Padre Luiz Rebuffini<sup>2</sup>, 82, fundador do Colégio Piamarta, uma das instituições que Luíza Távora beneficiou, destaca: “Todo mundo a chamava ‘a mãe dos pobres’” e, no fim da reportagem, finaliza: “Era um contato contínuo com a pobreza. E sempre com um sorriso nos lábios, uma compreensão enorme para os pobres. Eu a admirei como se ela fosse uma santa”.

Em primeiro lugar, o grande simbolismo das palavras “mãe”, “santa”, remonta à Maria, mãe de Jesus, àquela que teve seu filho numa manjedoura, na pobreza, a que chega ao Pai, como grande intecessora de seus filhos e, nessa estrutura simbólica da monumentalização o Pai seria Virgílio. Luíza Távora, por seu turno, edificada como “mãe dos pobres” denota fragilidade e, ao mesmo tempo, fortaleza, remetendo, por conseguinte, certo ar de proximidade dos pobres a ela, como se também fossem seus filhos. Assim, a construção social de Luíza como “mãe dos pobres”, santa, fortalece os laços sociais pautados na caridade, no cuidado, no assistencialismo.

Em segundo lugar, ao pensamos a questão da pobreza, a caridade e a repressão coexistem, ora de força ora de fraqueza, haja vista que “a caridade pública, objetiva muitas vezes a sua projeção social, o que se consegue através da imprensa e de seu registro em sermões, discursos [...], nomes de ruas e praças [...] independentemente do gênero, se homem ou mulher” (LAPA, 2008, p. 28). Destarte, quando Lapa (2008) perscruta a institucionalização do assistencialismo através da Igreja e do Estado em seus estudos, nos ajuda a pensar como tal relação é munida por dispositivos do universo político e da religião católica, que carrega em si uma série de encadeamentos socioculturais e históricos.

Desse modo, a análise dessa figura permite problematizar as relações entre público e privado, tendo em mente que as primeiras-damas “se lançaram na esfera pública a partir da sua condição de seres privados” (SIMÕES, 1985, p.10). Isso nos possibilita entender como são criadas normas de gênero e construídos discursos que mobilizam o feminino (mulher, mãe, caridosa) como parte de estratégia política, pois, um regime de exceção, como aquele em que Luíza Távora foi primeira-dama,

---

assim, na visibilidade das políticas públicas, como, por exemplo, nas conduzidas por Luíza Távora naquele momento. E é interessante como ainda hoje percebemos a enaltação da primeira-dama em questão.

<sup>2</sup> Padre Rebuffini foi um dos padres que celebrou a missa de corpo presente de Luíza Távora, quando da sua morte em 13/02/1992.

não é permeado apenas por resistências, mas por meio do apoio, do aquiescimento de uma parcela da coletividade vigente.

Esse ponto de vista nos ajuda a compreender como a mobilização de identidades de gênero fomentou o apoio ao período de exceção, como forma de identificar os principais modos de construção e distribuição de discursos relacionados ao gênero, à moral, ao forte apelo religioso com conotação cristã e ideário anticomunista (DUARTE, 2014). Nesse cenário, Luíza Távora movimentava princípios éticos, morais e sociais concordantes com o sistema de valores da ideologia dominante; ao mesmo tempo nos permite entender como a figura da mulher aparece como constituinte de uma política dos afetos e da emoção, nesse caso, aliada ao processo de ereção da sociedade autoritária.

Logo, é essencial estarmos atentos ao modo como Luíza Távora aparece como “mãe dos pobres”, já que estamos diante de uma construção histórica e social ligada a um padrão específico de gênero que circulava à época, que, por sua vez, não se separa de valores católicos, assistencialistas, pertinentes ao modo de fazer política tradicional.

## 2.1 - Nas suas palavras

Eu nunca tive outra vida, isto tudo que as outras mulheres fazem: enrolar os cabelos, passar um creme no rosto, botar roupão, eu nunca fiz. Desde o primeiro dia em que me casei que o meu quarto era um escritório. Eu nunca tive a hora do almoço e do jantar só para a família. Pela manhã, na minha casa, sempre tinha os políticos, os prefeitos e os vereadores. Eu já amanhecia toda pronta. Se o Virgílio ia se vestir, os políticos iam todos para dentro do quarto. Quer dizer, o meu quarto, pela manhã, passava a ser a sala de Virgílio. Então, essa outra vida eu não sei, porque nunca tive (CARTAXO, 1988).

A fala acima se refere a uma entrevista publicada no Jornal O Povo, cuja matéria intitula-se “Depoimento de uma grande dama”. Na reportagem, Luíza transita entre o público e o privado quando se mostra desprendida de sua vaidade, de sua privacidade, e atribue essa renúncia ao casamento. Na verdade, ela troca uma ideia de vaidade por outra. Não uma vaidade sobre seu corpo, mas, onde escolhe apresentar-se como uma mulher pública e poderosa, capaz de lidar e conviver com o poder. Aliás, se por um lado o quarto, cujo lugar deveria ser o íntimo e particular do

casal, constitui-se, em certa medida, em um lugar público reservado à política; por outro, nos remete ao privado quando os políticos adentram o quarto pela manhã. Além disso, em seu discurso não há momentos dedicados exclusivamente à família. Pelo contrário. Imprime em sua voz uma doação maior ao trabalho, à política, à vida pública de Virgílio. Por intermédio de sua fala, Luíza performa sua imagem recorrendo à simplicidade, à abnegação de sua vida pessoal, privada, e a imprime no público.

Esse ponto de vista demonstra um tensionamento que nos leva a refletir acerca das relações de gênero enquanto relações de poder, e nesse contraponto, a dominação não se estabelece apenas no masculino, mas constituído por meio dos jogos relacionais.

Com base nisso, analisar a atuação de Luíza Távora, a partir da construção de sua figura pública por diversos olhares, inclusive o próprio, nos leva a refletir como ela mobiliza as relações entre gênero, política e religião, no Ceará, durante as décadas de 1960 a 1990. Do mesmo modo, as relações entre o público e o privado estabelecidas por Luíza Távora como “mãe dos pobres”, “mãe dos filhos”, primeira-dama, gestora de ações do Estado e também do lar, integram os construtos sociais das teias da memória.

Simili (2008), ao estudar a figura de Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, presidente da República do Brasil, nos fornece embasamento para entendermos como se erige a fabricação de uma imagem pública, quando diz:

Na construção dessa mulher pública, é possível identificar aquilo que Darcy Vargas emprestou e deixou à disposição do Poder no Exercício do presidente: suas habilidades pessoais, sua simpatia, sua maneira de ser, enfim, "seus gestos, posturas, olhares e comportamentos da mulher que ela era". Desses e com esses materiais, foram elaborados seus poderes sociais, políticos e simbólicos", que ela utilizou no exercício de seu poder (SIMILI, 2008, p. 161).

Aqui se percebe uma apropriação e produção de significados para os corpos, gestos, posturas como capital político e simbólico no processo de construção da mulher pública, os quais foram transformados, assim, em instrumentos das relações de gênero (SIMILI, 2012, p.123). Isso nos leva a reflexão de como as relações de poder criam estratégias identitárias “que recrutam sua vontade própria, mas, afora isso, é tributária de construções da teia de identidades tecida por aqueles que o cercam”, afirma François Dosse (2015, p.320) e, ao mesmo tempo, as conduz

na busca de uma personagem condizente com discursos, atos e imagens, aos olhos de si e dos outros.

Sposati (2002) destaca essa instrumentalização da memória como “a arte da política’ da esposa do político mostrando o caráter humanitário do governo, agindo como apêndice do governante para área de ação social sob ótica totalmente assistencialista” (SPOSATI, 2002, p. 09). A autora expõe que se trata de mulheres atuando, por vezes como coadjuvantes por outras como protagonistas, ou seja, com menor ou maior autonomia, mas agindo em apoio ao governo vigente. Percebemos, por seu turno, essa “carta branca” dada à Luíza Távora por Virgílio, em certa medida, e à cumplicidade que perpassa a esfera privada e atravessa a pública, quando ela menciona:

O Virgílio sempre me deu inteiro apoio em tudo o que faço, principalmente, porque sabe que procuro fazer as coisas certas. Endossamos, sem perguntas, qualquer ato um do outro. Quando, certa vez, inauguravam o retrato seu numa obra, ele pediu para que colocassem o meu, já que fora eu quem tocara aquela obra do começo ao fim. O retrato foi trocado. Conto esse fato, um entre muitos, para demonstrar a segurança e o desprendimento do meu marido (CARTAXO, 1988).

Nas narrativas articuladas por Luíza podemos perceber um culto a autoimagem quando menciona que o retrato de Virgílio foi trocado pelo seu. Ao mesmo tempo, ela tenta empregar um tom de benevolência no trabalho exercido em prol do povo e chega a destacar que toda essa “bondade” vem de berço quando afirma que seu “vovô achava que quem não vivia para servir não servia para viver. Mamãe seguiu isso desde pequena, muito antes de conhecer papai” (Jornal *O Povo*, 11/05/2014). Daí que o legado de Luíza aparece como àquele que a liga ao cuidado com os filhos e à prática da caridade, de ajuda aos combalidos de toda sorte e do amor cristão ao próximo, valores de uma família adepta do catolicismo (MEDEIROS, 2012) e não como “obrigação” de primeira-dama, como ela emprega em sua fala, a seguir:

Gosto sempre de repetir que mulher de governador não é governadora. Não tem obrigação de fazer nada. Isso de primeira-dama é coisa transitória. Melhor ser uma grande dama que é coisa permanente, como diz minha irmã Nícia. Portanto não se deve cobrar, nem falar mal de uma primeira-dama



que não chegou a realizar aquilo que os outros acham que ela deveria fazer (BRASILEIRO, 1983).

Dessa maneira, a construção simbólica da imagem pública de Luíza Távora que predomina no imaginário coletivo – também constituída da fala/apresentação de si – de referencial de primeira-dama, benevolente, “mãe dos pobres” faz parte de uma elaboração social em torno de sua memória. Além de uma grande dama, ela busca representar um modelo padrão da mulher de elite do Ceará, casada, mãe de família, católica; e como parte das políticas de gênero, as tramas da monumentalização de sua memória, de sua imagem, dos gestos, dos discursos, das práticas, arquitetam-se os usos sociais que se carregam de significação. Ora, no meio as narrativas de memória com enfoque na forma que Luíza se autoapresenta, se por um lado percebe-se a imbricação de práticas e representações constituídas por aspectos socioculturais e políticos; por outro lado, “[...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’”. (GOMES, 2004, p.14).

Diante do exposto, os estudos de Patrícia Pereira Nascimento (2019) em “Nunca fui primeira-dama” nos ajudam a pensar no processo de monumentalização dessa memória, ao argumentar que “pelo ato da escrita, nossas histórias de vida condizem à uma forma de resistir à morte e ao esquecimento e chega à conclusão de que escrevemos para inserir-nos na linha de transmissão intergeracional” (NASCIMENTO, 2019, p.67).

## **2.2 – Nas palavras dos outros**

No campo das representações coletivas, François Dosse (2015) expõe como o ser político busca fabricar uma imagem pública por ele próprio e pelo o olhar dos outros, cujos “usos icônicos são absolutamente essenciais” (DOSSE, 2015, p.315) no processo de construção de personalidades significativas no campo da memória.

Sob esse prisma, a imagem pública de Luíza Távora também é construída pelas palavras dos outros, haja vista que há uma personificação de sua figura na memória coletiva produzida pelo discurso midiático, sobremaneira, pelos jornais, devido a sua estreita relação com a imprensa local. Atrelado a isso, essa fabricação simbólica que enreda sua trajetória, sua imagem, também se faz presente nos discursos políticos:

Da mãe, a saudosa, Dona Luíza Távora, nosso inesquecível companheiro [Carlos Virgílio] recebeu a lição da generosidade humana, do sentimento fraterno, do amor ao próximo, virtudes que a imortalizaram como a eterna Primeira-Dama no coração e na saudade do povo simples que ela tanta amava. (Presidente da Câmara dos Deputados, Aécio Neves, *in* BRASIL, 2001, p.702)

[...] [Virgílio Távora] [e]ra casado com uma mulher que acompanhava *pari passu* a peregrinação do esposo, Luíza Távora, digna também de reconhecimento pelo amparo dirigido aos mais necessitados, dando efetivo cumprimento a sua frase tradicional: “O nosso trabalho de ação social é um ato constante de amor ao próximo” (Deputado José Linhares *in* BRASIL, 2001, p.718)

Os referidos discursos integram à sessão solene de homenagem póstuma ao filho de Luíza Távora, Carlos Virgílio, Deputado Estadual, realizada em 22 de março de 2001, na Câmara dos Deputados do Ceará. Na ocasião foi exaltada sua personificação como mãe, esposa, primeira-dama, e aspectos como os de caridade e amabilidade, elementos que propiciam sentimento de pertencimento e aproximação do povo.

Sobre o assunto, o depoimento abaixo comunga com tal premissa:

O Ceará é visto, pois, da seguinte maneira: - antes de Luíza e depois de sua incansável atividade em prol dos desprovidos de recursos econômicos. Mas, seja como for, indiscutivelmente, Luíza sempre visou, acima de tudo, a dignidade humana. É muito amplo o elenco de sua profícua ação em tudo que diz respeito ao campo vastíssimo da ação social, em cujo trabalho não faz discriminação de natureza ideológica, fisiológica, religiosa e política. A todos se dedica sem fronteiras, isto porque, o seu imenso trabalho se volta, exclusivamente, para dignificar a pessoa humana (BRASILEIRO, 1983).

O mencionado relato dá destaque ao trabalho dispendido pela primeira-dama com a preocupação de frisar que era feito sem qualquer discriminação, ao mesmo tempo que faz uma separação temporal de “antes” e “depois” de Luíza na condução das políticas públicas sociais no Ceará. Ademais, há uma busca de manter sacralizada sua imagem, pois há uma tentativa de dissociar o “lugar” de Luíza do lugar do marido, isto é, de um governante em um regime ditatorial. No entanto, não podemos perder de vista que a política assistencialista conduzida pela primeira-dama fazia parte da “cortina de fumaça” que buscava amainar a real situação da população, cada vez, mais marginalizada na periferia de Fortaleza (AZEVEDO, 2002, p.58). Enquanto isso, o governo destinava o dinheiro público para

a realização de obras faraônicas vinculadas aos interesses das elites, desconsiderando as reais necessidades do povo naquele momento.

Em face do exposto, o depoimento abaixo do ex-deputado Aquiles Peres Mota, compactua com a ideia de que mesmo após o falecimento de Luíza, busca manter no imaginário coletivo uma imagem ilibada da primeira-dama como parte da monumentalização de sua memória, construída com o argumento da caridade para com os “menos favorecidos”:

Com a mesma naturalidade que andava de pés descalços nas favelas, Luíza Távora circulava nos salões da burguesia do Estado. Tinha uma preocupação especial com as crianças, mães solteiras, menores, **prostitutas** e velhos. Seu trabalho não tinha o peso da fadiga nem da tibieza. Era executado. A ação político-social de Luíza não ficava restrita às fileiras do seu partido. Atendia a qualquer um independente da cor partidária. Perdemos a grande personalidade feminina dos últimos 40 anos. A partir de hoje, o Ceará fica mais pobre (TRIBUNA DO CEARÁ, 1992a) [*grifo nosso*].

Em uma primeira análise, o jornal alternativo Mutirão, no que tange a essa “preocupação” com as prostitutas externada no texto supracitado, apresenta registro dissonante em relação a essa invenção da memória e demonstra como uma construção jamais é blindada quando submetida ao olhar do outro. O jornal concedeu voz em suas breves páginas às mulheres do Farol, bairro pobre e de elevada prostituição, perante a uma matéria publicizada em um dos jornais de grande circulação, o Correio do Ceará.

Esse jornal publicou em 03/12/1979 uma reportagem intitulada “Dona Luíza quer salvar as crianças; nos sorrisos de uma noite de amor a vítima é o menor; queda e morte do ‘curral das éguas””. A matéria foi publicada após visita da primeira-dama ao bairro. Na ocasião seriam abordadas as necessidades dos moradores, especificamente, sobre a questão de fornecimento de água, creche e possível desapropriação dos moradores, segundo os habitantes do Farol. Todavia, ao se depararem com a discrepância da reportagem, as mulheres procuraram o jornal Mutirão pedindo espaço de refutação e acusaram Luíza de mentirosa. Após a escuta dos depoimentos, o Mutirão anunciou a seguinte manchete de capa: “Moradores do farol revoltados com Luíza Távora”, precedida da matéria “Dona Luíza mentiu”. No texto de abertura, encontramos a revolta dos moradores estampada em forma de escrita:

Diariamente os jornais que recebem subvenções do Governo Estadual vem divulgando as visitas de dona Luíza Távora, 'primeira dama' do Estado, a alguns bairros de Fortaleza, aparentemente em forma de matéria paga (apesar do tom de 'reportagem' com que seus autores procuram revestir os acontecimentos). Uma dessas reportagens, contudo, pela ênfase com que abordou uma visita da 'primeira dama' ao Farol, provocou revolta entre os moradores da área, incluída pela matéria no plano de 'desfavelamento' do Governo. [...] A conclusão das mulheres do Farol, que procuraram MUTIRÃO para dar sua versão dos acontecimentos: 'foi um amontoado de mentiras desrespeitosas'. Todas se sentiram insultadas mais uma vez e considerando o fato mais grave porque o insulto partiu da 'primeira-dama', a mulher do governador do Estado. (MUTIRÃO, 1980, p.4)

Conforme os depoimentos das mulheres que sucedem à matéria, elas evidenciaram que a primeira-dama não deu atenção as reais necessidades delas. Pelo contrário. Demonstrou mais interesse em saber quanto elas ganhavam com a prostituição. Como repercussão dessa tiragem, Virgílio adquiriu todos os exemplares impressos contendo a matéria, proibiu a impressão do jornal nas gráficas do estado e passou a perseguir o jornal (BIZERRIL, 2019, p. 120-121).

Pelo viés de uma segunda análise, podemos perceber a constituição da imagem de uma primeira-dama como uma mulher simples – perfil que a “aproxima” do povo, a partir de uma imagem idealizada dela – e personalidade única, uma vez que circula entre o público (favelas) e o privado (fileiras do seu partido). Outrossim, a sua perda é representada por uma construção própria de seu “capital político” (BOURDIEU, 2003) ligada à área social e a condução de demandas populares, quando afirma que “o Ceará fica mais pobre”, pois há uma perda simbólica da “personalidade feminina” que “olhava para os menos favorecidos”. Por esse lado, Torres (2002) especifica:

[...] a assistência social é associada à bondade dos governantes pelas mãos 'generosas' das primeiras-damas. [...] Na verdade, a relação de dominação, sob o eu do paternalismo que as primeiras-damas mantêm com os usuários dos serviços sociais, constitui uma face cruel da opressão que conduz à passividade, tratando esses usuários como seres dependentes desse tipo de serviço. (TORRES, 2002, p. 93)

Tal prerrogativa pode ser apreendida pelas vozes que ecoavam à época, a seguir:

Para essa gente humilde que a nominou “**mãe dos pobres**” costumava abrir as portas de seu endereço a qualquer hora do dia. Quando primeira-dama, a Sra. Távora costumava deixar circular entre os “socialites”, em palácio, a petizada carente que assistia. (TRIBUNA DO CEARÁ, 1992b) [*grifo nosso*]

A morte de Luíza é uma perda para o Ceará e seu povo, pois ela foi a grande figura feminina do Estado, nos últimos tempos. Era uma mulher de fibra e grande companheira de Virgílio Távora. Era a **mãe dos pobres**, amada e respeitada por todos, principalmente por aqueles menos favorecidos pela sorte (TRIBUNA DO CEARÁ, 1992a) [*grifo nosso*]

Percebe-se em ambos os depoimentos, que a invenção identitária de Luíza Távora como “mãe dos pobres” é forte no imaginário coletivo. Janaina Cordeiro (2009), entretanto, pondera sobre essa edificação, alertando que se deve atentar que se trata:

[d]o próprio discurso dos grupos femininos de acordo com o qual, as mulheres surgiram na vida pública do país como *mães, esposas e donas-de-casa* preocupadas com a crescente *infiltração* comunista no país. Ora, nada mais *apolítico* do que a palavra *mãe* e, portanto, esta ‘categoria’ representaria uma certa coesão social, uma aliança entre o público e o privado. (CORDEIRO, 2009, p.23).

Concernente ao assunto, no depoimento seguinte podemos perceber que há um discurso recorrente de benevolência e de relação “afetuosa” nas instâncias públicas estabelecidas pela primeira-dama. Além disso, a fala nos leva a indagar, quais as outras cidades interioranas que Luíza Távora aparece com tanto destaque na feitura de suas obras sociais, tal como em Fortaleza. Vejamos:

(...) Querida, unanimemente, pelos seus comandados, contava com eles, irrestritamente, toda vez que diligenciava, no sentido de objetivar alguns dos seus projetos, na intenção de melhorar as condições de vida das pessoas pobres da periferia de Fortaleza. Daí, o sucesso, precedentes, que teve ao executar, paulatinamente, com firme determinação, o seu grandioso plano de assistência social, nesta capital e em algumas cidades interioranas, ou adaptação de prédios próprios, onde passaram a funcionar com pleno sucesso. (PINHEIRO, Livínio V. *apud* BARRETO, 2000, p.129-130)

Dessa forma, percebe-se uma prevalência da força do privado sobre o público, quando as evocações das condições de mãe, esposa, católica fazem frente a mulher da política. Isso a partir da perspectiva que a política enquanto campo de forças é atravessada, a rigor, por relações de poder, de gênero, ao mesmo tempo que o poder não é sinônimo de violência, opressão, mas constituído também por relações afetivas, culturais. Em vista disso, no processo de elaboração da personalidade pública de Luíza Távora sobressai-se no imaginário coletivo uma grande mobilização das sensibilidades, formas de reconhecimento e socialização, entendendo-se que essa prerrogativa dá-se pela própria constituição do poder como

uma relação social capilarmente construída e movida por interesses e forças diversas.

### 2.3 - Nas imagens

“Os mortos não se vão, ficam conosco na saudade de quem sempre e para sempre, dentro de nós, os encerrou” (BARRETO, 2000, p.339). Essa frase é umas das que encerram a biografia de “Luíza Távora, uma legenda” de Maria Adelaide Fléxa Daltro Barreto (2000). Aqui a tomamos de assalto com vistas a refletir como a memória é mobilizada no processo de edificação e manutenção da monumentalização da memória de Luíza. Ao levantarmos essa questão, buscamos entender como as imagens são repensadas, revividas, a partir da ideia de que cada uma é elaborada em seu tempo e espaço, cuja representação dos fragmentos e realidades históricas é debruçada no imperativo de uma narrativa real, de um discurso peremptório que julga falar em nome do real (CERTEAU, 2016), ao mesmo tempo que integram o aparelhamento do Estado para fins de dominação no imaginário coletivo.

Numa primeira reflexão, o ideário das relações de poder no processo de fabricação da imagem de Luíza deve ser entendido como um discurso que vai para além da fala e da escrita, isto é, as estruturas arquitetônicas também constituem os dispositivos que formam o sujeito. Essa trama em torno do imagético de Luíza nos impulsiona a alguns questionamentos: que papel a imagem associada à beleza desempenha no caso das primeiras damas? A partir desse ponto de vista, o que dizem sobre Luíza? Sobre o assunto, estas foram algumas frases proferidas pela população como manifestação de despedida, quando da sua morte em 13/02/1992:

**Ela está bonita como sempre foi.**

Dona Luizinha era uma santa.

Com certeza, nossa protetora está no céu.

Ficamos sem a nossa mãe [BARRETO, 2000, p. 335]. (*grifos nossos*)

Os pronunciamentos apresentam Luíza com atributos femininos ligados desde à beleza, passando pela santidade, até a evocação dela pelo instinto protetor, o maternal, o que não podemos dissociar de uma forma de hierarquização estabelecida: a de mãe. Podemos perceber, por sua vez, como existe estabelecido no imaginário coletivo a ideia de um modelo padrão preestabelecido de beleza, de

mulher, de primeira-dama, que é cobrado/enaltecido pela sociedade, como ocorreu, por exemplo, com a matéria veiculada pela revista *Veja*, em 20/abril/2016, com o título “Bela, Recatada e do Lar”, referindo-se a Marcela Temer, esposa de Michel Temer, presidente da República à época.

A reportagem evoca características de conservadorismo, feminilidade, beleza, maternidade, dotes domésticos, traços projetados para determinar a imagem de uma mulher “ideal” em uma sociedade machista e patriarcal. Em contrapartida, trazendo à tona questões frequentemente veladas sobre os lugares do feminino “Dilma Rousseff [*ex-presidenta do Brasil*] é tomada como o avesso, pois é vista como uma mulher destemida, independente, militante e que enfrentou muitos obstáculos para chegar ao posto mais importante do país” (MOTA, 2017, p.12). Outras matérias publicizadas surgiram contrapondo à imagem de Marcela e Dilma, provavelmente pela proximidade espaço-temporal e por serem mulheres políticas, no qual percebemos uma imbricação da questão de política e de gênero.

Essa é uma faceta do primeiro-damismo que, ao mesmo tempo que representa uma instituição que serve para dá credibilidade ao governo, ocupa um espaço de poder e ancora-se numa cultura machista ligada à aparência. Por esse ângulo, Luíza Távora traz a construção de sua imagem como algo que não dá muita atenção, sempre buscando destacar que seu trabalho à frente da presidência e execução dos projetos sociais, realizado na Legião Brasileira de Assistência (LBA), é até mais importante do que a presença do então Presidente da República em sua casa, como podemos perceber algumas dessas questões, a seguir:

A preocupação com roupa não dá na minha cabeça (BARRETO, 2000, p.116).

Visito ou recebo até a rainha da Ingraterra, do jeito que sou (BARRETO, 2000, p.116).

Detesto protocolo. Se o sapato me aperta, me livro dele onde quer que eu esteja. O Presidente Castelo Branco se hospedava em nossa casa. Eu, então, mostrava o lugar de cada coisa que ele poderia vir a precisar e ia dar meu expediente na LBA (BARRETO, 2000, 117).

No tocante ao assunto, Daniel Roche em sua obra “A cultura das aparências: uma história da indumentária” (2007), quando traz em seus estudos a análise do mundo da moda francesa contemporânea, não está preocupado com as futilidades que permeiam esse cenário, mas nas possibilidades de investigação dos aspectos políticos, sociais e econômicos. As variadas categorias de análises que se

apresentam nesse contexto, esclarece o historiador, permitem analisar nas mentalidades e nos comportamentos toda uma construção pelo ato de se vestir, de se apresentar, tendo em vista que são mecanismos da sociedade e instrumentos de representatividade de si.

Nesse sentido, destacamos a matéria abaixo no qual Luíza aparece em uma ocasião festiva em Brasília, usando um vestido de renda, bem como a anfitriã:

Luíza Távora veio a Brasília comandar a exposição do Artesanato do Ceará, quando reuniu na residência de Nice Marcílio um punhado de amigas para um desfile e mostrar o belíssimo trabalho cearense. Foi uma movimentadíssima tarde. Luíza veio desta vez bem mais magra, usava um bonito vestido de renda preto e a anfitriã [Sic] (Nice), também de renda do Ceará num bege muito alinhado (CORREIO BRAZILIENSE, 1980, p.19)

A primeira-dama, sobretudo, ao aparecer usando o elemento da tradicional cultura cearense, a renda, apropria-se e valoriza o objeto em questão, mas ela também se valoriza ao incorporá-lo, pois além de trazer feminilidade, passa a construir uma imagem de si e de proximidade com o povo. “A ilusão de intimidade com o povo é necessária”, afirma Peter Burke (2009, p.213) e, aqui, percebe-se a ênfase social voltada para sua imagem como um símbolo da cultura das aparências. Sob esse viés, há mudanças de indumentárias de Luíza nos dois governos de Virgílio que acompanham as vicissitudes sociais, culturais e políticas, de modernidade, tendo em vista que as roupas, por vezes, também variam no tempo e no espaço?

Outra questão que trazemos em nossa análise refere-se ao processo de monumentalização da memória de Luíza por meio da cultura histórica produzida por meio da “Praça Luíza Távora”, a Rua Luíza Távora em Itaitinga, escolas públicas e privadas com o nome dela. Ainda hoje existe o Colégio Piamarta e o Restaurante Escola Luíza Távora mencionado em sua biografia:

Na ocasião, seu corpo [de Luíza] saíra da capela de Nossa Senhora da Assunção, do Colégio Piamarta. O Colégio fechou suas portas em sinal de luto, colocando na porta da entrada do ‘Restaurante Luíza Távora’ uma placa avisando que a comunidade se encontrava consternada com a morte de sua benemérita’. (BARRETO, 2000, p.335)

Atualmente, o referido restaurante ainda continua em funcionamento e traz em sua página virtual a seguinte apresentação: "Tradicional restaurante de comida



brasileira em Fortaleza, com ótima localização, ambiente agradável, ambiente familiar. Com quase 40 anos de existência, parte da renda é utilizada para fins filantrópicos que atende crianças e adolescentes em situação de risco". Outro monumento é erigido em homenagem a memória de Luíza, em 22/dez/2017, cuja reportagem estampada na página oficial do governo do Ceará, anuncia: "Inauguração do centro de rendeiras Luíza Távora em Aquiraz criado para movimentar a economia", e continua no corpo da matéria:

Um espaço para a produção da arte cearense, gerando empregos, atraindo turistas e movimentando a economia. Quem passar pelo novo Centro de Rendeiras Luíza Távora, na Prainha, no município de Aquiraz, vai encontrar uma grande variedade de obras com renda de bilro, renda filé, bordado ponto cruz e labirinto. O equipamento, formado por 38 boxes, foi inaugurado na noite desta quinta-feira (21), em evento com a presença do governador Camilo Santana e da primeira-dama do Ceará, Onélia Santana (SAMPAIO, 2017, p.1).

Nesse ponto, o presente estudo não se trata de um trabalho de confirmação da memória de Luíza, nem tampouco para detoná-la, mas um exercício de pensar e analisar como essa memória foi erigida. Ao mesmo tempo, refletir como a memória atua nas relações de mudanças e permanências dos jogos de poder, por meio dos seus discursos, falas, fotografias, filmes, imagem, emoções; e como opera, repercute a ordem do discurso em torno desses objetos, imbricados pelo ordenamento público e particular. Sendo assim, as reverberações da sua imagem pelos espaços públicos: praças, escolas, ruas, restaurantes, integram a monumentalização de sua memória.

## Referências Bibliográficas

ALENCAR JÚNIOR, José Sydrião de. *Virgílio Távora: O Coronel modernizador do Ceará*. 2006. 325f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós -Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), Universidade Federal do Ceará. 2006.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Sessão solene*, de 22 de março de 2001. Homenagem póstuma ao ilustre Deputado Carlos Virgílio Távora. Fortaleza, CE: Câmara dos Deputados, 2001, p.701-737. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/plenario/notas/solene/hv220301.pdf>. Acesso em: 28.03.2021.

BRASILEIRO, Núbia. Luíza Távora – Depoimento. *O Povo*. Fortaleza, 06 ago. 1983. Suplemento Fame

BRITTO, Clovis Carvalho. “Petrificado fiquei! Ainda hoje, até agora”: usos do passado, memória topográfica e monumentalização do poeta João Sapateiro em Laranjeiras/SE. *História, histórias*: Brasília, vol. 3, n. 6, 2015.

BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CARTAXO, Jorge Henrique. Confissão de uma Grande Dama. *O Povo*, Fortaleza, 24 jul.1988.

CORDEIRO, Janaína Martins. *Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a Ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2009.

CORREIO BRAZILIENSE. Coluna *Variedades*, Brasília, 04 nov. 1980.

DUARTE, Ana Rita Fonteles & LUCAS, Meize Regina (orgs). *As mobilizações do gênero pela ditadura militar brasileira: 1964 -1985*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: F.A. Novais & N. Sevcenko (orgs). *História da vida privada no Brasil 3 – República: da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MEDEIROS, Moíza Sibéria Silva. *Primeiro – damismo no Ceará: Luíza Távora na gestão do social*. 2012. 138f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Mestrado Acadêmicos em Políticas Públicas e Sociedade, Fortaleza, 2012.

MOTA, Maria Aparecida Dos Santos Mota. *“Bela, Recatada e do Lar”*: Gênero, Política e Redes Sociais. 2017. 92f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2017.

MUTIRÃO. *Moradores do farol revoltados com Luíza Távora*. Nº 19, de 01 a 15 jan.1980.

NASCIMENTO, Patrícia Pereira. *Nunca fui primeira dama: autoficção e memória na reconfiguração de uma nação*. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Práticas Culturais) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UFGD, Dourados-MS.

PONTES, Bruno. *Dona Luíza Távora, a irrepetível*. Jornal O Povo, Fortaleza (CE), 11/05/2014.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROCHE, Daniel. *A Cultura das Aparências: uma história da indumentária (séculos XVII - XVIII)*. São Paulo: SENAC, 2007.

SAMPAIO, Thiago. *Inaugurado o Centro de Rendeiras Luíza Távora que vai movimentar a economia em Aquiraz*. Fortaleza, CE: 22/dez/2017. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2017/12/22/inaugurado-o-centro-de-rendeiras-luiza-tavora-que-vai-movimentar-economia-em-aquiraz/>. Acesso em: 03/04/2021

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SIMILI, Ivana Guilherme. Políticas de gênero na segunda guerra mundial: as roupas e a moda feminina. *Acervo*, RJ, v. 25, nº 2, p.121-142, jul/dez.2012.

SIMILI, Ivana Guilherme. *Mulher e Política: A Trajetória da Primeira- Dama Darcy Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Editora UNESP. 2008.

SPOSATI, Adaílza. Prefácio. In: TORRES, Iraíldes Caldas. *As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e poder*. São Paulo: Cortez, 2002.

TORRES, Iraíldes Caldas. *As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e de poder*. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIBUNA DO CEARÁ. Fortaleza, 14. fev. 1992a

TRIBUNA DO CEARÁ. Fortaleza, 15. fev. 1992b

---

**Norma Sueli Semião Freitas**

Servidora Pública da Prefeitura Municipal de Fortaleza (Professora) Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará.

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7803009484341669>

---

**Artigo recebido em:** 28 de fevereiro de 2023.

**Artigo aprovado em:** 09 de junho de 2023.